



TRAVESTIS: CORPOS EM TRÂNSITO!?! SONHO, MITO E REALIDADE

Edmar Henrique Dairell Davi

As reflexões presentes neste texto fazem parte do projeto de pesquisa **A vivência afetivo sexual das travestis e o desvelar do corpo**. Tal projeto tem por objetivo problematizar o fenômeno da vivência afetivo-sexual das travestis na interface com a modelagem de seu corpo através da aplicação de hormônios e de silicone. Este processo de modelagem corporal tem apresentado inúmeros problemas como lesões, danos, intoxicações e até mortes em decorrência do uso inadequado daqueles produtos. Assim, compreender os significados que as travestis atribuem a esse processo, conhecer os motivos que as fazem passar por algo doloroso e arriscado constitui um objetivo relevante para se construírem medidas de orientação e de redução de danos. Este texto apresenta, inicialmente, uma discussão sobre os caminhos que o corpo percorre em nossa sociedade (transformações, cirurgias, *body building*, dentre outros). A seguir, analisa o processo de modelagem do corpo pelas travestis tendo como subsídio entrevistas realizadas em uma organização não-governamental que atua no apoio à população LGBT de uma cidade do interior de Minas Gerais. Por fim, questiona o status que o “corpo travesti” assume em nossa sociedade. Os dados aqui apresentados fazem parte de um pré-projeto que potencializou o desejo de aprofundar o tema hora em discussão.

A maneira como lidamos com nosso corpo nunca é totalmente livre. Ela é fortemente influenciada pela cultura que estabelece os parâmetros de beleza, saúde, bem-estar etc. Como a sociedade hodierna é marcada pelas rápidas transformações, o trato com nosso corpo segue o ritmo das redescobertas, transições e recombinações. Desse modo, o status do corpo, pensado muitas vezes como natural, matéria viva, passa por revisões e questionamentos. Se na Antiguidade tudo que era ligado ao corporal era visto como precíval e sujo, na atualidade, o corpo precisa ser mostrado, exibido (Pires, 2005).

Entender os sentidos que o corpo assumiu não é tarefa fácil. Para muitos autores é necessária uma abordagem interdisciplinar (Ferreira, 2008), para outros uma perspectiva indisciplinar (Greiner, 2005), pois o corpo escapa às mais diferentes correntes do pensamento.

O corpo humano, outrora considerado como obra da natureza; evocando-nos, por isso, a idéia de algo intocável; passa agora, principalmente devido aos avanços tecnológicos e científicos, a representar, de forma contundente, um misto entre o inato e o adquirido. Pertencendo a uma sociedade pós-industrial e globalizada na qual é cada vez mais difícil a sobrevivência de



características próprias, sejam elas individuais, sejam sociais, e em que tudo é descartável e mutável, o indivíduo adquire a opção de construir seu corpo conforme seu desejo. Constantemente focado não só pelas ciências, que o tomam como o centro de incessantes investigações, como também pelas artes, que durante séculos se apropriaram dele como objeto de inspiração e de pesquisa, o corpo, nas últimas décadas, ganhou e assumiu possibilidades e completamente inimagináveis (Villaça & Góes, 1998).

Para tentar entender a corporeidade na atualidade é preciso conhecer o contexto onde os sentidos sobre o corpo são construídos e ainda, é necessária uma perspectiva que evite moralismos ou catastrofismos. Cada tempo histórico produz uma forma de se relacionar com o corpo, suas partes, seus órgãos, seus fluxos etc. A nossa cultura toma o corpo como lugar representativo da alma ou muitas vezes dá mais valor àquele do a esta (Ortega, 2008).

Na atualidade, a lógica do mercado, de forma avassaladora, oferece a possibilidade de sonhar também novos corpos, criando um universo de utopias e terrores. Na busca de vencer a velhice e, quem sabe, a morte, objetos que alteram o corpo são oferecidos (próteses, substâncias sintéticas, suportes artificiais) por meio de intervenções que variam incessantemente. Para o sociólogo Z. Bauman (2004), isso é possível numa cultura consumista como a nossa que favorece o produto pronto para uso rápido, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro.

Nas tribos urbanas, o corpo assume lugar de destaque, nele são colocados marcas, sentidos e desejos diversos, entre eles, os mais recentes de transformação, adequação e, até mesmo, duplicação. O corpo torna-se, então, a arena onde acontecem discursos e conflitos simbólicos, políticos, culturais, étnicos, históricos, religiosos e econômicos, refletindo as questões do nosso tempo, refletindo também uma sociedade marcada pela valorização do individualismo, narcisismo e consumo. Ele é um dos elementos fundadores da presença do sujeito na sociedade.

A construção da identidade está atrelada a ele, e, em alguns casos, a (re) construção do próprio corpo é um dos mecanismos de reconstrução da identidade, da auto-estima e do estabelecimento da relação com o mundo (Mieli, 2002). As representações do corpo operam de acordo com as representações disponíveis na sociedade, de acordo com as visões de mundo das diferentes comunidades humanas.

Se o corpo é socialmente construído (Soares, 2001), parece haver uma maior sensibilidade em relação ao corpo em nossa época? Seremos mais hedonistas ou narcisistas? O que diferencia nosso trato com o corpo no início do terceiro milênio das formas utilizadas há tempos atrás?



Para o psicanalista Jurandir F. Costa (2009) o que caracteriza a nossa cultura é a peculiaridade da nova educação dos sentidos que colocou a fruição sistemática, metódica e regulada dos prazeres sensoriais no ápice dos ideais de felicidade. É esta atenção devotada, consciente e autogerida do prazer duradouro com a aparência que mais caracteriza o que se pode chamar de “moral das sensações”, “felicidade sensorial” ou “ideal de prazer sensorial”. Cuidar de si, satisfazer-se com a imagem que se tem de si passou a significar trazer o corpo para o nicho dos ideais, desalojando ou espremendo em um recanto os seus antigos proprietários: os “grandes” sentimentos, pensamentos ou ideais.

A medida “correta” do interesse pelo corpo, portanto, não está no quanto de cuidados a ele dedicado, mas na significação que os cuidados assumem.

Se o interesse pelo corpo começa e termina nele, caímos na corpolatria, forma de ascese humanamente pobre e socialmente fútil. Se, ao contrário, o interesse toma a direção centrífuga, volta-se para a ação pessoal criativa e amplia os horizontes da interação com os outros, não se pode condenar esta prática. O abuso não desautoriza o uso. Cuidar de si, aliás, pode ser o melhor meio de se colocar disponível para o outro³.

Costa (2005) ao elaborar o conceito de personalidade somática considera que esta tem na imagem social do corpo o suporte, por excelência, do caráter ou da identidade. O eu se torna corporificado, meus valores ético-morais e minhas preferências são demonstrados nas roupas, nas marcas, no estilo de vida, na quantidade de exercícios, na alimentação e nos suplementos utilizados.

Nesta perspectiva, Baudrillard sublinha o caráter de dever que o gozo corporal assumiu na sociedade moderna:

a melhor prova de que o princípio e a finalidade do consumo não são o gozo, é que o gozo, hoje, é obrigatório e institucionalizado, não como direito ou como prazer, mas como dever do cidadão [...] o homem-consumidor se considera como devendo-gozar, como um empreendimento de gozo e satisfação⁴.

A ideologia do gozo substituiu a coerção do trabalho e da produção pela “obrigação de ser feliz”, que é sempre acompanhada da experiência de insaciabilidade emocional. Em outras palavras, a satisfação é direcionada de modo a tornar-se ela mesma um item cultural submetido à lógica da penúria e da falta. A questão tradicional de aceitar ou não o corpo recebido torna-se agora: como mudar o corpo e até que ponto? Quais são os limites? Até onde ir à busca pelo prazer ou do gozo?

As travestis e o desvelar do corpo

Essas questões se tornam mais pertinentes quando pensamos no universo das travestis e a exigência que este meio tem em relação à beleza, à estética e ao consumo. No mundo concorrido da

³ COSTA, J. *O vestígio e a aura*. Corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 20.

⁴ BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. 3 ed., São Paulo: Edições 70, 2007, p. 112.



prostituição, o maior destaque é dado ao corpo. Os cuidados estéticos expressos nos cabelos, próteses, lipoaspiração, depilação a laser, roupas e acessórios de grifes circulam nos grupos como testemunhas do sucesso (Teixeira, 2008).

Assim, para compreender os significados utilizados pelas travestis para dar sentido à vivência de modelagem de seu corpo, realizamos entrevistas preliminares para dar uma direção no caminho de entendimento do fenômeno da construção do “corpo travesti”. A seguir são apresentadas e discutidas categorias que emergiram das entrevistas realizadas com três travestis em uma organização não-governamental que atua em defesa da população LGBT.

Em busca do corpo perfeito, as travestis ousam e cruzam as fronteiras éticas da estética e da saúde. Além disso, questionam os limites físicos dos gêneros sexuais. Num só corpo, homem e mulher, atividade e passividade, seios e pênis, “virilidade” e “doçura” se apresentam e se confundem (Benedetti, 2005). Mas o foco de sua “essência” está justamente no corpo, na aparência. Assim, quanto mais distante do físico original masculino, mais próximo da perfeição de se ter construído a si mesma. A própria matéria física representa uma obra de arte na qual estas pessoas estão engajadas em recriar (Teixeira, 2008). Encarnando o corpo “maravilhoso” da Antiguidade, que tanto causa espanto, curiosidade, medo ou riso, a travesti ainda acrescenta a tudo isso o fascínio da atual concepção do belo feminino (Bremmer, 1995).

O “sonho da beleza e do corpo perfeito” foi uma categoria que emergiu nos depoimentos das travestis e que pode ser observada quando Alexia⁵, 22 anos, diz: “Eu quero ser uma top, ter um corpão bonito e atraente. Fazer as pessoas me olhar e perguntar quem é aquela ali?” (sic)

No depoimento de Alexia, ser “top” significa ser uma travesti com corpo desejável, construído dentro dos padrões de beleza socialmente estabelecidos. E ainda, chamar a atenção por onde passa e atrair clientes pois ser “top” é fazer muitos programas e ser requisitada o tempo todo.

No entanto, chegar a este nível custa caro tanto financeiramente quanto psicologicamente. Para aquelas travestis que ainda não dispõe de recursos suficientes resta o sonho e os planos para alcançar este objetivo. Isso pode ser observado no depoimento de Tábata, 19 anos: “Eu sonho em ter um corpo bem bombado e bonito, (...) mas ainda não sou top como a Larissa [*outra travesti*], ela viaja muito e todo mundo olha pra ela (...) mas quero ser como ela (...) tô juntado um dinheirinho pra chegar lá”. (sic)

Além do aspecto financeiro, deve existir a coragem e a determinação para passar pelo processo da “bombaço” ou a aplicação de silicone. “Ser travesti” é um processo, nunca se encerra

⁵ Os nomes das colaboradoras foram modificados para preservar sua privacidade.



(Pelúcio, 2007). Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. Estão sempre buscando o que elas chamam de “perfeição”, o que significa “passar por mulher”. Não qualquer mulher, mas por uma bonita e desejável. Conforme Benedetti (1998), se o hormônio é a feminilidade e a beleza, que confirma os resultados da feminilização, o silicone é “a dor da beleza”. O corpo feito, todo “quebrado na plástica” é o sonho da maioria (Mott, 1999). Mas nem sempre as intervenções podem ser conseguidas em clínicas de cirurgia plástica filiadas ao sistema da medicina oficial. Então, procura-se o caminho tradicional, aquele que vem sendo usado há pelo menos 30 anos pelas travestis: a “bombadeira”⁶. Desde então, são as bombadeiras que injetam silicone líquido no corpo das travestis. Elas são na sua maioria travestis também e lhes cabe “fazer o corpo” através da inoculação desse líquido denso e viscoso, usado como óleo para lubrificar máquinas, no corpo das suas clientes (Silva, 1993; Mott, 1999). O processo é doloroso, demorado e arriscado.

Todas as travestis parecem saber que se “bombar” é perigoso. Mas a maioria não abre mão dessa técnica de transformação do corpo. A “dor e o processo de recuperação como um ritual de passagem” emergiram como outra categoria para dar sentido às falas das travestis em relação à vivência de transformação do corpo. Cinthya, de 27 anos, diz que: “Ué! Mas mulher não sente dor pra ficar bonita? Nós também passamos por isso mas um pouco diferente. Ser bonita exige sacrifício”. (sic)

Além da dor, o processo de espera para ter o corpo definido pelo silicone e pelos hormônios exige paciência. Alexia revela o ritual ou as medidas necessárias para que o silicone não escorra e para que não haja problemas: “Você tem que ficar deitada com a bunda pra cima durante quatro dias para cicatrizar os buracos das agulha. Tem que tomar cuidado com o que você come e não pode sentar”. (sic)

A busca pelo corpo perfeito tem suas conseqüências. Inúmeros são os casos de intoxicação e deformidades no corpo devido ao uso do silicone. Para Benedetti (2005) “bombar-se” é entrar definitivamente no mundo das travestis e com ele compactuar. A aplicação de silicone constitui operação extremamente dolorosa, devido às agulhas serem muito grossas - de uso veterinário -, as únicas que permitem a injeção do produto. São necessárias dezenas de perfurações, em dias seguidos, para se moldar um “pirelli” (quadril), os seios ou as bochechas (“pommettes”). Existem travestis que suportaram mais de 300 perfurações sendo que os orifícios deixados pela agulha são tapados com esmalte de unha ou cola *Super Bonder*. As aplicações e o mau uso dos materiais

⁶ Pessoa, geralmente uma travesti, que faz aplicações de silicone líquido no corpo de outras travestis ou de mulheres que buscam formas mais volumosas e arredondadas.



podem levar a infecções nas partes enxertadas, migração do silicone para outras áreas, dentre outras lesões. Nesse sentido o psicanalista Hugo Denizart afirma que:

A complexidade da escolha de ser travesti ultrapassa (...) questões de ordem econômica. Só um corpo polívoco suporta o trágico e longo trabalho de produzir um corpo não domesticado. Eis uma tarefa árdua que um travesti pagará qualquer preço pra realizar, virilmente se fazendo mulher, para superá-la com um sorriso nos lábios, às vezes de dor⁷.

Apesar da dor e do risco a transformação do corpo é uma experiência muito esperada. Como apontou Pelúcio (2005), a intervenção na carne com o uso do silicone é também uma alteração moral. Para as travestis ao se alterar o aspecto físico, os componentes psicológicos também se modificarão. Isso foi observado no depoimento das colaboradoras através da categoria “mudança no comportamento/personalidade a partir das aplicações”. Cinthya diz que “fiquei mais confiante” depois das aplicações que “aumentaram meu quadril e deixou meus lábios mais sexy” (sic).

Alexia, apesar de ter passado por “dias difíceis” depois da aplicação devido a uma febre, diz que “estou muito grata à Lamar [*bombadeira*] por ter dado um *up* na minha auto-estima” (sic). Tábata também aponta alterações no seu comportamento quando diz que “me tornei uma pessoa mais alegre, agora eu me abro mais facilmente com as outras pessoas, sem medo de me mostrar” (sic).

Estas falas são ilustrativas do processo de incorporação do *self* ao corpo, ou seja, uma corporificação do eu, a aparência, o estilo de vida representa a personalidade, o caráter e o estado psicológico do indivíduo. Esse processo de somatização da subjetividade é algo que vem sendo analisado por vários autores.

Meu corpo corresponde àquilo que gosto, àquilo que sou, independentemente das minhas heranças genéticas, das minhas filiações culturais ou de classe, do meu estado civil e das maneiras pelas quais eu ganho dinheiro; minha casa tem minha cara, assim como minha banheira e minhas roupas não cessam de expressar aquilo que sou⁸.

Para Ortega (2008), na pós-modernidade a distinção entre corpo e *self* tornou-se sem utilidade, “por meio do *fitness* os sujeitos são verdadeiramente corporificados. O físico tornou-se um signo cardinal do *self* de uma maneira não mais conseguida por meio de acessórios tais como a moda e cosméticos” (p. 157). O corpo é central para a experiência do eu: levado ao seu limite lógico, essa versão da identidade, equipara virtualmente o *self* com atividades de *fitness*, de modelagem do corpo e ao estilo de vida. As práticas de intervenção fundem corpo e mente na formação da bio-identidade somática, produzindo um eu que é indissociável do trabalho sobre o

⁷ DENIZART, H. *Engenharia erótica*. Travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 9.

⁸ SANT’ANNA, D. *Corpos de passagem*: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 69.



corpo, o que torna obsoletas antigas dicotomias como corpo-alma, interioridade-exterioridade, mente-cérebro. O que surge é um corpo monádico, fechado em si mesmo, restrito ao consumir e ao “ser consumido” enquanto mercadoria.

Considerações Finais

Na pós-modernidade, os sujeitos vagueiam por diferentes espaços, identidades e corpos. A cada momento pode-se assumir uma identidade diferente devido à fluidez de nossos tempos. O corpo na atualidade é colocado como um suporte que recebe vários adornos para determinar quem somos no jogo do vaivém incessante das mercadorias e dos mercados.

Se na Antiguidade e na Idade Média, nosso lugar e papel social eram determinados pelo nascimento, hoje não sabemos mais a “que” e a “quem” pertencemos. Precisamos marcar na pele e por debaixo dela nossa filiação, nosso status, nossa identidade. Essa liberdade para muitos se tornou algo atormentador para outros pode ser vista como oportunidade de transformação.

As travestis se encaixam nesse último grupo, no qual o desejo e o sonho são colocados como motivadores da transformação resultando em um corpo ambíguo, “abjeto”, desconcertante. Mas ainda há que se questionar: Como esses corpos são vistos, sentidos, gestados, experienciados e significados pelos sujeitos? Corpo como mercadoria para o consumo, na rota da prostituição? Como corpos cindidos e reconstruídos em um? Mero objeto a ser submetido ou algo potencializador?

Diversas questões vão se delineando na interação com as colaboradoras dessa pesquisa, mas o corpo, em diferentes momentos, aparece em toda a sua materialidade, “como lugar onde o mundo pode ser questionado” (Ortega, 2008, p. 45); como se livre de uma anatomia de proporções determinadas e de normalizações, fosse possível reinventar esse corpo, afirmando a proeminência do corpo do desejo sobre uma corporeidade anterior. Essas discussões preliminares é que norteiam nosso projeto de pesquisa ainda em desenvolvimento.

Dessa forma, as travestis, através de seus depoimentos, surgem não apenas como grupo social a ser estudado e observado, mas como forma de referendar a fugacidade e inconsistência dos corpos, apresentando-os como “metáfora da transitividade e fluidez inscrita nas sexualidades contemporâneas” (Bauman, 2004, p. 25); como possibilidade de trazer a tona corpos redesenhados e resignificados em suas fronteiras e subjetividade. Sujeitos que através de corpos construídos/montados, brilham no espetáculo das ruas, na sucessão de festas em que se apresentam. Expostos ao olhar do outro, dispostos ao desejo, misturando sonho e realidade.



Bibliografia

- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. 3 ed., São Paulo: Edições 70, 2007.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENEDETTI, M. *Toda Feita: corpo e gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BREMMER, J. *De Safo a Sade*. Momentos na história da sexualidade. Campinas: Papyrus, 1995.
- CASTLE, T. A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In: PORTER, R. (Org.) *Submundos do Sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- COSTA, J. F. *O vestígio e a aura*. Corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- COSTA, J. F. O corpo é o maestro. Entrevista com Jurandir Freire Costa. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, nº 40, p. 38-39, 2009.
- DENIZART, H. *Engenharia erótica*. Travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FERREIRA, F. R. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. In: *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 12, nº 26, 2008.
- GREINER, C. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.
- MIELI, P. *Sobre manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.
- MOTT, L. *Silicone*. Redução de danos para travestis. Salvador: Editora GGB/ATRAS, 1999.
- ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- PELÚCIO, L. *Nos Nervos, na Carne, na Pele*. Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- PIRES, B. *Corpo como suporte da arte*. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- SANT'ANNA, D. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SILVA, H. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- SILVA, H. *Travesti: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SOARES, C. L. (Org.). *Corpo e História*. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- TEIXEIRA, F. **L'Italia dei Divieti**: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. Dossiê: Gênero no tráfico de pessoas. In: *Cadernos Pagu*, nº 31, Campinas, 2008.
- VILLAÇA, N., & GÓES, F. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

